AVALIAÇÃO DO CRESCIMENTO DE ESPÉCIES MADEIREIRAS COMERCIAIS POR MEIO DE CINTAS DENDROMÉTRICAS

Henrique José Borges de Araujo[1], Manoel Freire Correia[2], Gleyciane Araújo Cardoso[3]

1. Pesquisador Embrapa Acre (henrique.araujo@embrapa.br), 2. Biólogo Embrapa Acre (manoel.correia@embrapa.br),
3. Estudante Engenharia Florestal - UFAC (gleyciaraujo@hotmail.com)

INTRODUÇÃO

A compatibilidade entre o volume de madeira explorado em planos de manejo florestal com o crescimento volumétrico das espécies manejadas é fundamental. A sustentabilidade do manejo florestal somente é plena quando a reposição volumétrica das espécies da floresta sob manejo é igual ou superior ao volume retirado.

OBJETIVO

Este estudo objetiva avaliar o crescimento diámetrico/volumétrico, por meio de cintas dendrométricas, de espécies madeireiras exploradas em áreas sob manejo e verificar a compatibilidade entre a intensidade exploratória preconizada e em prática com a reposição da floresta sob manejo.

MATERIAIS E MÉTODOS

As áreas do estudo localizam-se às margens da Rodovia BR-364, trecho Rio Branco – Porto Velho, e são as pequenas propriedades do projeto de manejo florestal comunitário do Projeto de Colonização Pedro Peixoto, município de Senador Guiomard-AC, e a área de reserva legal da Embrapa Acre, no município de Rio Branco-AC.

Foram selecionadas as 31 espécies madeireiras mais importantes pelo critério de volume definido em POA's (grande parte explorado e comercializado) no período de 1997 a 2006.

As espécies selecionadas para o monitoramento foram: amarelão, angelim, angelim-amargoso, angico, bálsamo, breu-vermelho, cambará, catuaba, cedro, cerejeira, cernambi-de-índio, copaíba, cumaru-cetim, cumaru-ferro, fava-orelinha, imbirindiba, ipê-amarelo, jatobá, jequitibá, jitó-da-terra-firme, jutaí, maçaranduba, manitê, maracatiara, marupá, pereiro, roxinho, samaúma, sucupira-amarela, tauari e violeta.

As árvores, cada qual uma unidade amostral, são tomadas aleatoriamente nas áreas do estudo, obedecendo a espacialização natural de ocorrência na floresta. Definiu-se uma intensidade amostral de 46 árvores (totalizando, para 31 espécies, 1426 árvores) para cada espécie distribuídas em cinco classes diamétricas com DAP ≥ a 10,0 cm (Figura 1).

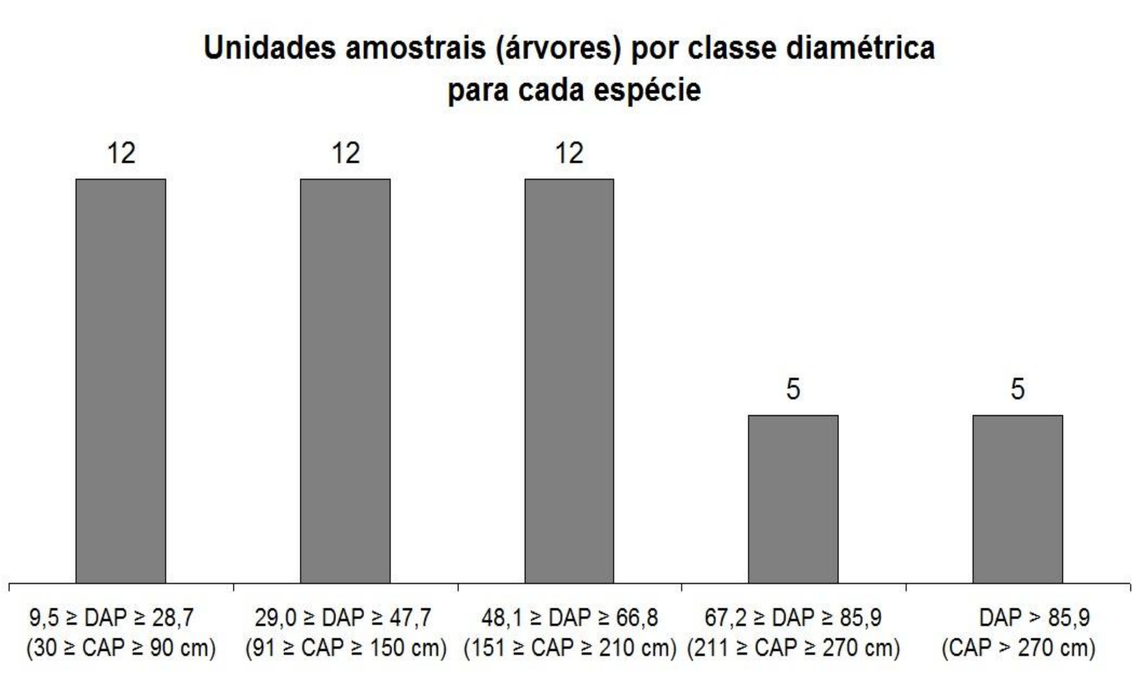

Figura 1. Número de unidades amostrais (árvores) por classe diamétrica e para cada espécie.

Na posição do DAP das árvores são fixadas cintas dendrométricas (metálicas), possibilitando, em intervalos anuais, a medição precisa (fração de milímetro) das variações de crescimento (Figura 2).

Figura 2. Cintas dendrométricas de monitoramento do crescimento de árvores de interesse comercial.

As etapas básicas da implantação em campo e medição das cintas dendrométricas são: 1. Mapaeamento – é a prospecção das áreas do estudo com o objetivo de "achar" e georreferenciar as árvores a serem monitoradas; 2. Caracterização da árvore – tomada do DAP, altura da árvore e do fuste, conformação do fuste e da copa, posição sociológica, estado fitossanitário, entre outras informações; 3. Instalação da cinta – a cinta é confeccionada na medida da circunferência (CAP) e posicionada na altura do DAP da árvore, sendo que antes da primeira medição de crescimento, espera-se um período (cerca de três meses) para que a cinta ajuste-se ao fuste; 4. Medição da cinta – tomada da medida, utilizando um paquímetro, da distância entre os orifícios de medição da cinta.

RESULTADOS (preliminares)

Até o momento foram mapeadas, caracterizadas e cintadas um total de 957 árvores (67% da amostragem estabelecida). Destas, porem, houve a perda de 283 árvores (129 por morte e 154 devido ao fim de uma parceria que resultou na perda de uma área de estudo), significando que a amostra atual é constituída de 674 árvores, pertencentes a 30 espécies. Para a maioria das árvores o número de medições ainda é baixo (68%, três medições; 17%, duas medições; 11%, uma medição; e 4% somente mapeadas e caracterizadas), o que não permite análises mais precisas quanto do crescimento.

CONSIDERAÇÕES

Os resultados esperados são promissores com relação aos dados de crescimento e as análises de compatibilidade com o volume explorado em planos de manejo, o que possibilitará a confirmação e/ou ajustes das taxas exploratórias em prática. No entanto, ressalta-se que este trabalho apresenta muitas dificuldades de condução (p.ex.: perdas de unidades amostrais por mortes, etc.; danificação de cintas por animais, etc.) o que o torna oneroso quanto à demanda de recursos necessários (humanos e materiais).

INSTITUIÇÃO DE FOMENTO
EMBRAPA / Edital 06/2008 / MP 2 / **Projeto Manejo Florestal na Amazônia**

Embrapa
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
GOVERNO FEDERAL BRASIL PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA